

FRAGMENTOS DA NARRATIVA POÉTICA DE AMORA JU

Julia Ramla Cunha Bueno¹ curadoria Bárbara Hypolito²³

A resistência de ser mulher.

Estampas em seus fragmentos.

Narrativa, poética.

A arte Trans por meio da Serigrafia.

Por vontade e desejo de estar inserida nos espaços da cidade, nos seus ambientes sem usos, preencher os vazios, através da reutilização de seus resíduos, restos e sobras de nosso cotidiano.

Preencher os espaços habituais operando uma manutenção constante por meio da comunicação que uma obra de arte contemporânea estabelece. Como formas de resistência diante da velocidade dos fatos, da cidade e de suas criações de consumo.

Ativando o campo da memória que nos abastece de sentidos ao criar suas próprias demarcações de individualidades, suas riquezas afetivas.

O que pode um corpo?

Como nem tudo está programado de acordo com nossas vontades, existiria um limite para o corpo?

Ressignificar, colocar-se à disposição do diálogo através de materialidades desvela um corpo diante dos obstáculos que se apresentam nesse sistema normativo que determina as relações e os comportamentos de consumo, historicamente construídos na sociedade e que, quando trazidos à superfície clamam por discussão e abordagem.

¹ Artista, acadêmica de Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

² Curadoria produzida a partir do artigo "A Cidade Impressa, A Visualidade e Os Espaços Em Resistência" de Amora Julia Ramla Cunha Bueno apresentado durante o 7EICCMU, em novembro de 2018, UFPEL - Pelotas/RS.

³ Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, Linha de Pesquisa Cidade, Cultura e Política, PRO-PUR/UFRGS.



Des é uma série configurada através da pintura que em representação opera na criação de perfis sem rostos, por meio de retratos.

As colagens intensificam os tons ao criar novas faces dentro da mesma tela, algo que sobressai o corpo imaginado. A desfiguração desse sujeito-rostos, onde uma folha de revista antiga dos anos 40 reproduzia o racismo com os povos nativos do Brasil, um casal indígena em uma publicidade da época, retratado de forma estereotipada sob o olhar colonialista de uma elite da época de ascensão da comunicação brasileira, permite encontrar nestas páginas um suporte que revelou as cores da pintura produzidas em giz pastel oleoso, assim como impulsionou minha pesquisa dentro da temática das identidades e suas relações de poder. Estas percepções revelam as linhas escritas e descritas sobre opressões e a disseminação de informações sobrecarregadas de impulsos de julgamentos, acerca do civilizado, do belo e outros estados de percepção.

Trata-se de um outro olhar diante da cidade e de suas construções jogada ao mundo em excessos de informação e remete à Saturação que a cidade nos causa.

Des. Colagem e giz pastel sobre páginas antigas de revistas. Dimensão: 35cm x 24cm. Acervo pessoal de André Barbachan Silva. Autora: Amora Ju, 2018.



A cada passo. Cologravura sobre papelão.
Dimensão: 2,20cm x 18cm. Autora: Amora Ju,
2018.

O que fazer com as ausências e com os desperdícios encontrados em todos os ambientes do nosso cotidiano, materiais sem usos? Propor outros sentidos a estas realidades!

As sobras do cotidiano se inserem nesta segunda obra. Uma gravura realizada pela impressão manual, uma matriz desenvolvida com desenhos, moldada em papelão e plásticos amassados. Rasgar o papel, gera uma textura vertical de cima para baixo, criando uma matriz para impressão no tamanho da metade de um papel A4. A difícil secagem da tinta vinílica é um processo inevitável, mas que intensificam os fragmentos de caixas em pedaços, formando uma tela.

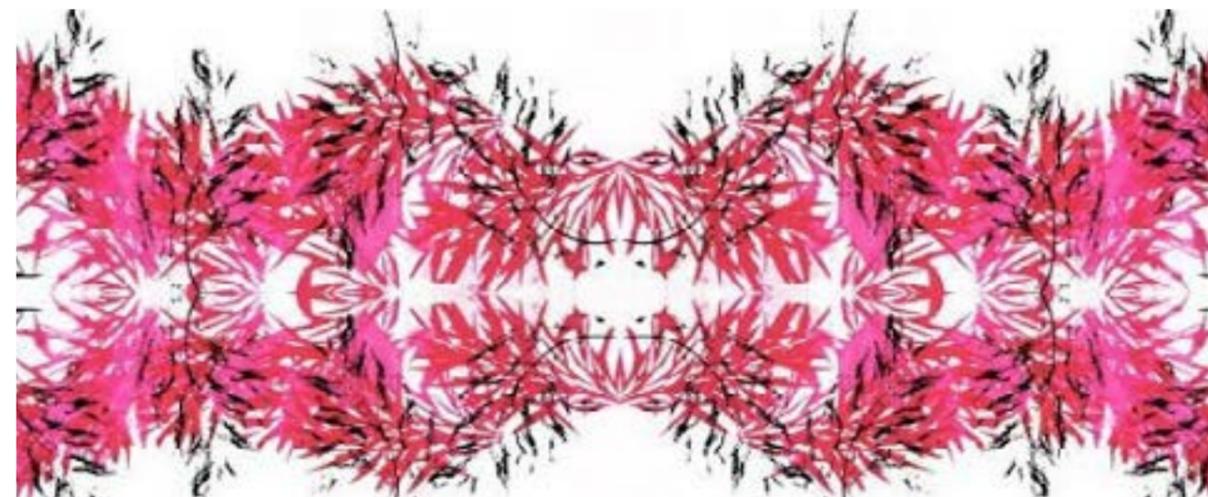
O corpo manuseia gravuras, a pintura, o Lambe e suas ações/reproduções efêmeras. O corpo intervém ao materializar antigas projeções da arte com materiais expressivos e esquecidos.

Quanto mais pessoas, parece que maior é o distanciamento com a natureza. Os territórios apenas reforçam o diálogo das transformações da cidade, sobrepondo o pólo natural com as camadas de concretos que devoram todo o verde existente. Nesse sentido, as propagandas são formas instigantes que vendem o conforto e a segurança, e surgem como fortes impulsionadores para pensar a problemática do imenso desenvolvimento urbano sobre as áreas naturais da cidade.

A natureza decide sair do campo de visão e ser explorada de perto em meu trabalho artístico, com mais detalhe e observação por meio do desenho. Primeiro a coleta de plantas locais, da vegetação da cidade, essa grande camada verde espalhada pelos cantos dos espaços urbanos da região portuária de Pelotas/RS, e outras que faziam parte do jardim suspenso da OCA - Guaco, Hortelã, Funcho, Pára-raio, Jasmim, Samambaias. A coleta inspirou uma roda de conversa no Ateliê da OCA, sobre plantas que curam, plantas essenciais e suas formas de consumo. Em seguida, inspirou minha pesquisa pessoal sobre as plantas, resultando na criação de um catálogo e registros que direcionaram para o desenho da observação das ervas encontradas. Ao fim, a criação de duas telas em Serigrafia artesanal, intituladas *Herbária 1* e *Herbária 2*. A primeira com desenhos de observação em fotolitos transparentes. Na segunda série de plantas foi utilizada uma impressão direta com as flores sobre as telas na Câmera de impressão para Silkscreen, do Centro de Artes da UFPel.

A obra potencializa o retorno à questão da amnésia ou do esquecimento que assombra os meios urbanos, a cidade enraizada que esconde seus ramos entre muros e telhados, nesta (re) existência.

Herbária 2. Serigrafia artesanal sobre papel. Dimensão: 1,60cm x 90cm. Autora: Amora Ju, 2018.



Ação de ocupar a cidade através de uma forma diferente de pensar, assim como pintar, imprimir, escrever.

A mulher e sua arte habitam a cidade.

Pontos de vistas, visando pontos e demarcações no meu mapa, que quer se sobrepôr à violência institucionalizada possibilitando, através da escrita, da arte que nasce do resgate do lixo cultural e industrial, promover o compartilhamento de informações, as características disformes, a passagem do tempo e o desejo do corpo.

Minha arte insere materiais do cotidiano problematizando questões do passado e do presente desse país. Pois, uma identidade feminina transviada retrata também a ausência de representatividade em formas hiperssexualizadas que a travesti brasileira sofreu e sofre nos dias atuais. Estigmatizada por conotações e intenções sexuais, efeitos de uma ignorância estrutural construída pelo machismo que encontra dificuldades em desligar o sexo das questões relacionadas às identidades de gêneros, trans e travestis. Personagens nacionais historicamente representadas em criações exóticas e barbaqueiras, ou percebidas apenas enquanto objetos de fetiches sexuais. Portanto, de todas as formas: - Deslegitimada -

O capital girando e operando nosso sistema de trocas, o olho por olho, dente por dente. Desigualdades dificultam a visão de um sistema de trocas injusto, uma nova vitrine para as velhas paisagens, gestos em outra face e o corpo como suporte nesses espaços, presentes ao encontrar na cidade um ambiente contido de uma determinada saturação também da imagem das pessoas.

Des-propriar. Formato Lambe-Lambe, bairro Porto/ Pelotas. Autora: Amora Ju, 2018.



Pensar sobre as rupturas que um trabalho de arte pode criar na visão cotidiana da rua, levou ao lambe-lambe como forma de provocar o imediatismo da obra. Assim como a pele que faz trocas constantes com o tempo e o ambiente, a presença do lambe-lambe sobre as peles da cidade estão à mercê das intempéries e remetem ao descascar de uma obra por meio das ações do tempo, do vento, da chuva e da umidade.

No sentido de ativar o campo da memória, utilizei minhas séries em folhas de revistas para compor visualidades e superfícies urbanas, por meio dos retratos na forma de lambe-lambe, espalhados pelas peles e planos da cidade como se fossem camadas de plantas. Uma forma de comunicar, por meio destas obras que possuem em comum as revistas e a colagem, diante de tudo que remete à repetição e à ostentação do consumo da imagem nos dias atuais, o anonimato é revelado através de uma obra de arte que se reproduz de diferentes formas e processos, gerando novos sentidos ao espaço e às materialidades descartadas e resgatadas da cidade.





Exposição *Eu existo* composta pelas séries *Mandrágora* (Serigrafia sobre cetim - dimensão: 3m x 1,60cm) e *Isto não é sobre nós* (Serigrafia sobre painel). Autora: Amora Ju, 2018.

Em setembro de 2018, fortes chuvas fortes derrubaram árvores na Região do Porto de Pelotas/RS. A observação das fotos daquela tempestade pousou sobre os galhos e os movimentos causados pelos ventos fortes. Surge então a ideia de criar uma tela em Serigrafia Artesanal, elaborada por meio de uma edição, onde destaquei uma visualidade composta pelos galhos e os movimentos que não seriam capazes de serem transfigurados para a tela e, conseqüentemente, sua impressão. A dificuldade possibilitou experimentar outros suportes que remetesse aos movimentos do momento da tempestade, através da ação de imprimir uma simples imagem inerte, e para tanto, escolhi um tecido de cetim orgânico e vermelho gerando reflexos de luzes e movimentos.

O tecido, inserido junto a outro trabalho em Serigrafia intitulado *Isto não é sobre nós* compôs a exposição *Eu existo 2* realizada em Novembro de 2018, com curadoria de Kelly Wendt e Juliana Angeli, no interior do Museu do Doce. O evento da exposição fazia parte da semana da Diversidade de Pelotas.

A experiência possibilitou outras criações, assim, recriei diversas cópias em outros tons de cetim para uma plataforma apenas de mulheres, pessoas não binárias e pessoas trans em São Paulo/SP, como forma de expor meu trabalho, possibilitar a geração de renda e operar na divulgação das minhas produções atuais em Serigrafia Artesanal. O processo possibilitou a criação da minha marca: *Amora Ju Art. 3*



A necessidade da prática da arte trans na contemporaneidade se revela essencial nesse contexto de discursos contidos de lgbttfobia no país. Discursos que, historicamente construídos e normatizados na sociedade, tornam-se problemas, conduzem à posturas sociais mediadas pelas respostas contidas nas políticas pós-identitárias e que teóricas Queer/Cuir indicam a necessidade de um rompimento no nível das práticas e discursos, com a lógica binária e seus efeitos, sendo eles a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. É necessário criar rupturas diante destas regras, constituir mecanismos que operem uma transformação epistemológica efetiva. Rupturas e (re)existências sobre tudo o que foge da normatividade e que remete à necessidade do outro para constituir-se. Assim, enquanto identidades frente aos corpos que materializam a norma surgem os corpos transviadxs, corpos insurgentes nestes espaços emergentes.

Que corpo é esse que resiste e se coloca em desconstrução? Que construções são essas que demarcam áreas, limitando as subjetividades destes corpos?

No instante em que o desvão da minha poética surge no campo de visão, operando sobre a minha própria percepção de sobrevida diante do mundo do meu cotidiano, se revela a sobreposição de culturas e símbolos, através da colagem de linguagens e referenciais que permitem transformar minhas visualidades e trajetórias gerando narrativas perceptíveis e complementares. Portanto, criar uma arte que regenera, de alguma forma, os espaços da cidade na tela, revela o campo de memórias, chama à experiência com as visualidades cotidianas, através de uma linguagem poética e narrativa que se apropria dos ambientes abandonados e ocupa imóveis sem uso, e sugere consolidar um espaço propositivo para produção de arte local.

A arte Trans por meio da serigrafia, como forma de resistência do ser mulher, por entre estampas e fragmentos produzidos através da reutilização de resíduos, restos e sobras de nosso cotidiano urbano, propõe uma narrativa poética que se insere na cidade revelando as espacialidades esquecidas que partem de uma determinada presença, porém, é justamente a ausência que evidencia o reconhecimento de suas possibilidades, tornando-se o fio condutor das afirmações pessoais e das ressignificações nestes ambientes.